

A Reportagem em Televisão

Clara Manuela Araújo Teixeira

Nº 10856

**A Grande Reportagem em Televisão**

**Os casos de “Raízes do Tarrafal” e “A FORTIORI – Por maioria de razão”**

**Universidade Fernando Pessoa**

**Porto 2009**



Clara Manuela Araújo Teixeira

Nº 10856

**A Grande Reportagem em Televisão**

**Os casos de “Raízes do Tarrafal” e “A FORTIORI – Por maioria de razão”**

**Universidade Fernando Pessoa**

**Porto 2009**

Clara Manuela Araújo Teixeira

Nº 10856

**A Grande Reportagem em Televisão**

**Os casos de “Raízes do Tarrafal” e “A FORTIORI – Por maioria de razão”**

**Universidade Fernando Pessoa**

Projecto de Graduação apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para  
obtenção do grau de licenciado em Ciências da Comunicação

---

(A autora)

## Sumário

Este projecto de graduação é dedicado ao estudo da elaboração de uma grande reportagem em televisão.

As próximas páginas procuram dar a conhecer ao leitor as diferentes fases do processo de realização de uma grande reportagem audiovisual: desde a preparação à investigação feita pelo jornalista, passando pela recolha de informação no terreno até ao tratamento final dos dados recolhidos e a montagem, assim como os recursos humanos e materiais necessários para a sua elaboração.

Este trabalho foi dividido em sete partes que explicam todo o processo de elaboração da grande reportagem, terminando com a comparação entre as duas grandes reportagens realizadas pela autora.

- A primeira parte de cariz introdutória permite a explicação do tema, a razão da sua escolha, as perguntas que guiaram a exploração teórica, os recursos consultados e a escolha e forma da apresentação dos casos práticos;

- A segunda parte desenvolve de uma forma teórica o tema: começa por apresentar o conceito de reportagem, vista por vários autores e os diferentes tipos de reportagem que existem.

- A terceira parte consiste na apresentação do conceito de grande reportagem em televisão. Aqui é feita uma abordagem à importância da preparação, investigação do jornalista para a realização da reportagem; a acção no terreno e recolha de informação; a importância da imagem e do som em televisão e a escolha adequada dos elementos vídeo e áudio recolhidos que vão ser inseridos na reportagem assim como a escrita do texto *off* e gravação do mesmo.

- A quarta parte é dedicada ao trabalho final da realização de uma reportagem, ou seja, à edição, momento em que são reunidos todos os elementos desde a imagem, o som e o texto em forma de voz *off*.

- A quinta parte apresenta os trabalhos práticos, ou seja, as reportagens. O primeiro sobre o Corpo de Intervenção da PSP do Porto e o segundo sobre os antigos moradores do Bairro São João de Deus no Porto, e evidência, passo por passo, os recursos técnicos e humanos que foram utilizados para desenvolver o trabalho jornalístico, bem como as diferentes técnicas utilizadas no tratamento de cada tema.

- Finalmente, a sexta, e última parte, apresenta as conclusões do trabalho acompanhado de uma análise crítica do mesmo.

A fase final do projecto é composta pelas referências bibliográficas, seguindo em anexo o texto da reportagem “A FORTIORI – Por Maioria de Razão” visto que “Raizes do Tarrafal” não tem voz *off*, bem como as reportagens em formato DVD para possível visualização.

A parte prática deste projecto utiliza um método de tabelas já utilizado noutros projectos que permite o estudo da grande reportagem.

## **Dedicatória**

Este projecto de Graduação é dedicado aos meus pais, irmã e Nuno por me terem permitido alcançar este objectivo através do apoio e incentivo que sempre me deram quer a nível pessoal quer a nível profissional.

Dedico também a todos os meus amigos e colegas de trabalho que agradeço pela compreensão, persistência e força que me foram dando, quer ao longo do curso quer para a finalização deste trabalho que já devia ter sido entregue há três anos e que tem vindo a ser adiado por motivos profissionais.

## **Agradecimentos**

Os mais sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa, orientador deste projecto, pelo apoio, profissionalismo e disponibilidade que mostrou para me ajudar a concluir este projecto.

Agradeço aos meus colegas Jorge Silva, repórter de imagem e editor, à Dr<sup>a</sup> Márcia do projecto “Pular a Cerca” que me ajudou a entrar no círculo restrito e fechado dos moradores do bairro de São João de Deus, um agradecimento muito especial para todos os moradores que participaram nesta reportagem pelo carinho com que a nossa equipa foi recebida. Por fim os meus agradecimentos são dirigidos ao Comissário Viera, do Corpo de Intervenção da PSP, que nos permitiu integrar e descobrir os homens que fazem parte desta força policial.



# Índice

Dedicatória .....	7
Agradecimentos .....	8
Índice .....	9
Introdução .....	10
Capítulo I .....	13
A Reportagem .....	13
1.1. Conceito de Reportagem .....	14
“ O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta ” .....	14
(Jean-Luc Martin-Lagardette cit in Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço) .....	14
1.2. Os Diferentes Tipos de Reportagem .....	17
Capítulo II .....	19
Reportagem em Televisão .....	19
2.1. Conceito de Reportagem em Televisão .....	20
2.2. Preparação da Reportagem .....	21
2.2.1. Os Contactos .....	21
2.2.2. Os Documentos .....	22
2.2.3. A localização do local da reportagem .....	23
2.3. Recolha de Informação: acção no terreno .....	23
2.3.1. As fontes .....	23
2.3.2. As anotações .....	24
Jean-Luc Martin-Lagardette (cit in Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço) .....	24
“ O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta ” .....	24
2.3.3. As entrevistas .....	25
2.3.4. Os documentos .....	27
2.3.5. A importância da imagem e do som .....	28
2.4.1. Escolha do ângulo de abordagem .....	30
2.4.2. Visualização do vídeo e áudio .....	31
2.4.3. A escrita do texto off .....	32
2.5. Montagem / Edição .....	33
Capítulo III .....	35
“A FORTIORI – Por Maioria de Razão” .....	35
“Raízes do Tarrafal” .....	44
Conclusão e Análise Crítica .....	53
Bibliografia .....	55

## Introdução

Este Projecto de Graduação que agora é entregue à Universidade Fernando Pessoa é o culminar de uma licenciatura de 4 anos.

Tem como tema central “ A Grande Reportagem em Televisão - **“Raízes do Tarrafal”, “A FORTIORI – Por maioria de razão”**”.

O mundo da comunicação social, à semelhança de outras áreas profissionais, é um mundo muito competitivo, onde cada profissional face á variadíssima diversidade de conteúdos que são colocados diáriamente à disposição do telespectador, tem de conseguir dar destaque ao seu trabalho jornalístico.

Para isso, através do auxilio da curta mas já válida experiência profissional, concluiu-se que só o estudo constante e o conhecimento profundo de todos recursos técnicos e jornalísticos que se encontram ao alcance dos profissionais de comunicação poderam influenciar e ajudar a criar um trabalho diferente com o objectivo de cativar e criar laços com o telespectador.

Á semelhança de um profissional de saúde que tem de actualizar as suas técnicas de trabalho periodicamente durante a sua carreira, o jornalista também tem de estudar e conhecer todas as técnicas e instrumentos de uma reportagem.

A realização deste projecto tem como objectivo saber mais sobre essas técnicas e “instrumentos” que compõem a reportagem. Neste projecto são apresentadas duas reportagens que utilizam dois modos de trabalho no terreno diferentes, bem como, distintas técnicas de pós-produção, onde a música e a cor assumem papeis de personagens principais.

As próximas páginas procuram apresentar de uma forma curta e clara, mas o mais completa possível, o trabalho que um jornalista deve fazer desde a investigação e preparação da reportagem, passando pela recolha de informação no terreno até ao tratamento final dos elementos vídeo, áudio e texto recolhidos. Por isso, o projecto divide-se essencialmente em 3 capítulos e uma conclusão final.

O primeiro capítulo faz uma abordagem geral ao conceito de reportagem e apresenta os diferentes tipos de reportagem existentes.

O segundo capítulo é especificamente dedicado ao conceito de reportagem em televisão, sendo este o conceito base da elaboração de uma grande reportagem. São apresentadas algumas definições de reportagem em televisão e descrito todo o trabalho que o jornalista deve ter na preparação da mesma, na recolha de informação no terreno, [a escolha das fontes de informação; as anotações com o papel e a caneta; as entrevistas a realizar; os documentos que complementam a reportagem e importância da captura de boas imagens e bons sons], no tratamento da informação depois da recolha de toda a informação [a escolha do ângulo de abordagem; a visualização do vídeo e áudio e a escrita do texto off], e na montagem ou edição da reportagem.

O terceiro capítulo faz uma abordagem prática de duas reportagens, que têm por título **“Raízes do Tarrafal”** e **“A FORTIORI – Por maioria de razão”**.

Aqui é feita uma análise qualitativa de todos os instrumentos utilizados na elaboração da reportagem e a explicação do porquê desta escolha.

A escolha destas duas reportagens tem a ver com o facto de nos dois casos, a sua realização ter representado um enorme desafio pelas dificuldades que foram colocadas no terreno à equipa de reportagem. No bairro São João de Deus a captura de imagens estava bastante condicionada, tendo ocorrido mesmo algumas situações de perigo e conflito com a equipa de reportagem por parte de pessoas que se encontravam no local, à luz do dia, a traficar droga. Na mesma situação se encontrou a equipa na reportagem do Corpo de Intervenção da PSP, numa rusga, em plena noite, a um bairro problemático da cidade. Aqui, foi pedida a confidencialidade do local e hora de actuação, bem como, a não identificação de todos os elementos da Polícia Judiciária e Inspectores presentes. Os arguidos beneficiam também de protecção de identificação.

O instrumento utilizado para a abordagem prática foram dois DVD's que têm a gravação das reportagens **“Raízes do Tarrafal”** e **“A FORTIORI – Por maioria de razão”**, e que são também apresentados em anexo neste projecto.



## **Capítulo I**

### **A Reportagem**

## 1.1. Conceito de Reportagem

*“ O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta ”*

(Jean-Luc Martin-Lagardette cit in Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço)

A reportagem é um dos géneros mais nobres em jornalismo. É na reportagem que se evidenciam os grandes jornalistas. Além disso, a reportagem é o género que permite uma maior criatividade, estando ligada à subjectividade de quem a escreve.

No fundo, trata-se do “contar de uma história”, segundo um ângulo escolhido pelo jornalista que a investigou. Feita a investigação, o jornalista parte dos factos e constrói uma história integrando citações dos personagens que nela participam e/ou citações de documentos importantes para a validação e comprovação dos factos apresentados.

Jean-Luc Martin-Lagardette, num livro intitulado “Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço”, classifica do seguinte modo a reportagem:

“ É um género muito apreciado por ser um testemunho directo encenado com arte. Anima-o, dá-lhe cores, relevo, humanidade. Exige tempo e disponibilidade pois é necessário ir ao terreno. Utiliza-se o mais frequentemente possível, nem que seja para dar vida a um acontecimento que, sem isso, permanece baço e impessoal ”.

Destas palavras, depreende-se que o jornalista tem de ir ao local onde os factos decorreram ou decorrem e tem de captar o que lá se passa, mantendo os cinco sentidos alerta. “O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta”, diz ainda Jean-Luc Martin-Lagardette. Por isso, na escrita, deve ser usado o estilo directo, a maior parte das vezes no tempo presente, havendo referência a episódios concretos, havendo imagens, pormenores e expressões. Tudo isto é contado de acordo com a subjectividade de quem conta. Porém, a narrativa terá de ser objectiva e verídica no que respeita aos factos e aos acontecimentos.

Tal como a entrevista, uma reportagem também deve ser preparada. Até porque, uma boa e grande reportagem envolve investigação, selecção das melhores fontes, leitura de documentos, conversa com os diferentes protagonistas ou personagens envolvidos na história

e exige que se capte o ambiente onde decorrem ou decorreram os acontecimentos.

Jean Dominique Boucher (2004, p.9) define reportagem como:

“ um género jornalístico bem definido, que tem o papel de informar de maneira diferente e para alcançar esse objectivo o jornalista tem que fazer com que “o leitor viva no coração o acontecimento ”.

Na reportagem, ao contrário do que acontece na notícia<sup>1</sup>, o jornalista esclarece o acontecimento, estuda e investiga o tema. Ele escolhe um ângulo particular de abordagem do acontecimento, personaliza a informação e restitui-a de uma forma diferente.

Marc RABOY ( *cit in* Marc RABOY, André ROY, 1992, pp. 174-189) Les médias québécois : presse, radio, télévision, câblodistribution.

“ Falamos de reportagem cada vez que um jornalista reporta o que viu, leu ou ouviu. Depois de ter estado no local, observado a situação, escrito apontamentos, feito perguntas (...) sem comentar ou interpretar os factos ”.

Jorge Pedro Sousa (2005, p.187) define reportagem como:

“ (...) um espaço apropriado para expor as causas e consequências de um acontecimento, para contextualizar, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que se afogue o leitor na história.”

Pierre Ganz (s.d., p.7) refere que:

“ (...) etimologicamente, uma reportagem é um relatório. Tanto uma coisa como a outra informam. Mas a finalidade é diferente. O relatório é um instrumento de comunicação entre

---

<sup>1</sup> Sebastião Squirra (1993, p.47) considera a notícia:

“Relato dos factos ou acontecimentos actuais de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público (...) a notícia não é um acontecimento ainda que assombroso, mas a narração desse acontecimento está determinada pelo interesse público”

iniciados. A reportagem é um modo de comunicação que descreve o espectáculo de um acontecimento ao grande público.”

Segundo o autor, o género jornalístico reportagem deveria ser caracterizado com base em três alíneas predominantes:

- a) a presença da notícia que situa a reportagem nos limites do jornalismo interpretativo (análise e valorização dos momentos reais);
- b) a narrativa da realidade, não sendo admissível a ficção nem a dramatização, que ao estarem incluídos no formato da reportagem daria lugar a novos géneros jornalísticos, (como o melodrama e o telefilme baseados na realidade);
- c) a originalidade no tratamento e apresentação dos factos reais, que se combinam com outras formas jornalísticas, como a entrevista, o inquérito, o testemunho e o entretenimento. A originalidade é trabalhada a partir dos factos já conhecidos, mas que revelam pormenores desconhecidos. A inovação vê-se na absoluta liberdade formal e de tratamento, onde estão várias técnicas.

Marc RABOY ( *cit in* Marc RABOY, André ROY, 1992, pp. 174-189) Les médias québécois : presse, radio, télévision, câblodistribution. Aproveita para esclarecer a diferença entre notícia e reportagem, dizendo:

“O que diferencia a reportagem da notícia, é antes de mais o aspecto personificado do relato (...). Pois, a reportagem não está necessariamente ligada à actualidade imediata, a um acontecimento novo: pode relatar uma viagem, dar conta de um acontecimento desportivo, (...) a reportagem é estruturada como um pequeno relato (com introdução, desenvolvimento e conclusão): é mais completa, e mais detalhada que uma notícia e pode ter o toque pessoal do seu autor.”

A notícia é então um acontecimento temporal determinado pelo tempo que perde actualidade, a grande reportagem estende-se no tempo e não está presa ao conceito de actualidade.



## 1.2. Os Diferentes Tipos de Reportagem

Marc RABOY ( *cit in* Marc RABOY, André ROY, 1992, pp. 174-189), Les médias québécois : presse, radio, télévision, câblodistribution destaca dois grandes tipos:

A crónica especializada como:

“um artigo periódico graças ao qual são transmitidas ao público informações sobre um determinado assunto: educação, justiça, economia (...) através das crónicas os media tentam transmitir informação sobre problemas da vida quotidiana, ou estimular a reflexão sobre temas gerais ou assuntos da actualidade.”

Marc Raboy define ainda a grande reportagem como situando-se

“entre «informação relatada» e «informação explicada». Um artigo extenso, que alia os elementos da grande reportagem aos da pesquisa profunda (...) a grande reportagem exige um sentido agudo da observação, um espírito critico muito desenvolvido e uma boa dose de espírito de aventura(...)”.

Em Ciências da Comunicação identificam-se três tipos de reportagem:

- reportagem de acontecimento (Fact Story)
- reportagem de acção (Action Story)
- reportagem de citação (Quote Story)

A estes três modelos, vários autores como Joaquim Letria, no livro “Pequeno breviário Jornalístico: géneros, estilos e técnicas”, acrescentam mais dois sub-tipos: reportagem de prognóstico e de continuidade. São aquelas reportagens que têm a missão de manter vivo um facto relatado ou estabelecem continuidade com outros textos já anteriormente escritos, associados a acontecimentos considerados importantes.

Jean-Jacques Jaspers, (1998., pp.167-173) afirma que existem quatro tipos de reportagem:

- a) a **reportagem de actualidade** que traduz acontecimentos que acabam de ocorrer e a propósito dos quais não se dispõe de muito tempo para fazer a sua difusão. Geralmente, a reportagem é realizada para o próprio dia ou para uma data muito

próxima e, por isso, a recolha e tratamento da informação são feitas quase em simultâneo. O repórter tem que conhecer muito bem a matéria para, a partir de uma perspectiva, seleccionar os pontos mais importantes de um assunto. O essencial do seu trabalho decorre no exterior.

- b) a **grande reportagem** que consiste na composição de uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da actualidade ou a um fenómeno particular da sociedade, numa mensagem real e de uma certa duração. A característica da grande reportagem é ser tópica, (deve concentrar a atenção sobre uma situação, um fenómeno ou um determinado acontecimento), e intensiva, (deve tratar os assuntos em profundidade a abordar várias facetas);
- c) o **inquérito** que é uma reportagem explicativa ou de investigação que sintetiza numa mensagem o acontecimento relativamente complexo com interesse público de carácter social, económico, jurídico, ecológico ou da vida quotidiana;
- d) o **documentário de criação** que é um programa elaborado segundo uma visão única, original, pessoal sobre a realidade. Trata-se de uma obra de autor. Para esse tipo de realização, a escolha da premissa e a elaboração da mensagem são definidas, estruturadas por um pensamento e uma estética particular. O texto é elaborado na primeira pessoa, para se confessar a subjectividade.

## **Capítulo II**

### **Reportagem em Televisão**

## **2.1. Conceito de Reportagem em Televisão**

Em televisão a reportagem é o mais completo de todos os géneros jornalísticos, porque pode englobar todos os outros géneros praticados em campo: do inquérito à entrevista. A Grande Reportagem é uma reportagem mais extensa no tempo e com maior conteúdo, o princípio da sua elaboração é o mesmo que para a reportagem convencional, o trabalho de preparação e acção no terreno e também na sua fase final de edição é que requer mais tempo, atenção e imaginação. Como tal, é através do conceito básico de reportagem em televisão que se irá centrar este estudo, porque sem um perfeito domínio de todos os conceitos da reportagem básica não se pode realizar uma Grande Reportagem.

Como afirma Jorge Pedro Sousa (2003, p. 128/129)

“ (...) em televisão, notícia com imagens e reportagem são conceitos confluentes que desaguam no macro-género dos documentais de comentário. As grandes reportagens e as pequenas reportagens (ou notícias) do dia a dia valem-se das mesmas técnicas: imagens descritivas com sons associados, excertos de entrevistas e debates, comentário sobre imagens, imagens de protagonistas a declararem alguma coisa, eventual adição de música e efeitos sonoros, eventual recurso a imagens geradas por computador.”

Jean Jacques Jaspers (1998, p.25), afirma que na reportagem televisiva,

“ (...) a elaboração da mensagem potencial consiste em agrupar fontes congruentes (textos, testemunhos, imagens) e notícias, seleccioná-las, analisá-las e estruturá-las para criar uma nova mensagem destinada a ser transformada e transmitida ao público.”

Segundo o autor, a reportagem televisiva recorre essencialmente à imagem que pode facilmente sensibilizar o público, chamar a sua atenção para uma questão. Numa perspectiva de informação-serviço, a reportagem televisiva é também uma técnica de mediação das relações dos antecedentes e das consequências do acontecimento ou do fenómeno abordado. É por isso que qualquer boa reportagem televisiva deve comportar duas dimensões: uma dimensão empática que visa a ligação entre o espectador e o assunto e/ou as personagens em

acção uma relação de convivência afectiva e uma dimensão de revelação, esclarecimento, de contextualização do mesmo assunto.

## **2.2. Preparação da Reportagem**

A preparação de uma reportagem é a fase mais importante da elaboração da reportagem. O jornalista não pode iniciar uma reportagem sem previamente tomar conhecimento do tema e elaborar, nem que seja um pequeno esboço mental do trabalho a desenvolver. Para Pierre Ganz (1998, pp. 47) o repórter na preparação da sua reportagem deve obedecer a quatro imperativos:

Primeiro - tomar contacto com o acontecimento e com os seus intervenientes directos; Segundo- documentar-se sobre o máximo de informações do próprio acontecimento, dos seus agentes, do seu enquadramento, do contexto no qual se inscreve; Terceiro - proceder à localização antes de sair com a sua equipa; e quarto- preparar convenientemente o seu material jornalístico, que o repórter deve possuir ao dirigir-se para o local. Material este, conseguido através dos contactos, da documentação, das entrevistas e das referências.

### **2.2.1. Os Contactos**

Pierre Ganz, (s.d., p.15),

“Para tomar contacto com um determinado acontecimento, o repórter deve ler os comunicados que diariamente, e quase de minuto a minuto, vão chegando á redacção. (...) os comunicados devem ser todos lidos para se compararem as informações das diferentes agências”.

Marc Raboy acrescenta que

“antes de começar o seu próprio trabalho de documentação e investigação, os jornalistas podem desde já contar com uma quantidade enorme de informação que lhe é transmitida por diversos canais:

- Os presses das agências noticiosas nacionais e mundiais;

- Os comunicados de imprensa ;
- O correio dos telespectadores, leitores.
- Os relatórios de acontecimentos.”

Os contactos estão na base de qualquer reportagem, é através dos contactos que se inicia a investigação, a recolha de informação e documentação antes de se iniciar o trabalho no terreno.

### **2.2.2. Os Documentos**

Se o acontecimento for previsível, então a documentação a recolher será muita. Como afirma Pierre Ganz (s.d., p 18),

“as abordagens anteriores a um processo não faltam nos jornais e o que se discute é óbvio: tal testemunha virá depor? Tal contradição será levantada no julgamento etc.”.

Para se entrevistar o protagonista de um acontecimento, é preciso conhece-lo muito bem / documentar-se bastante sobre ele para que depois se possa compreende-lo no terreno e apresentá-lo bem na reportagem.

Exemplo da reportagem “Raízes do Tarrafal”, a recolha de informação sobre o bairro São João de Deus foi útil na preparação das entrevistas e escolhas dos temas. Antes de conhecer os entrevistados, o jornalista já tinha um dossier de informação sobre cada um deles. O que facilitou o primeiro contacto e a abordagem da reportagem.

Sem este trabalho, o jornalista corre o risco de não compreender a informação recolhida e transmiti-la de forma incorrecta.

### **2.2.3. A localização do local da reportagem**

O trabalho de uma reportagem é feito pelo jornalista, repórter de imagem e editor, por isso antes de se sair para o local do acontecimento, é importante saber-se muito bem a localização desse mesmo acontecimento e se reúne as condições suficientes para a captura de imagens e som, como por exemplo, se tem ou não iluminação; se tem tomadas eléctricas; quais são as condições sonoras e se é permitido gravar imagens no interior do edifício.

É importante, no caso de uma grande reportagem, que seja desenvolvido todo este trabalho de bastidores pois acontece que numa grande reportagem a equipa tenha de se deslocar para vários locais e, por isso, terá de estar preparada para se adaptar às mais diversas condições no terreno.

### **2.3. Recolha de Informação: acção no terreno**

Como afirma Ganz, (s.d., p, 57)

“numa reportagem, o jornalista deve levar o telespectador ao local da acção. Deve fazer com que ele veja, ouça, sinta e compreenda o acontecimento”.

Um trabalho facilitado pela acção prévia no terreno do jornalista, que vai desde o primeiro contacto com as fontes de informação, às anotação daquilo que observou, passando pelas entrevistas com os testemunhas do acontecimento.

#### **2.3.1. As fontes**

A chegada ao local é o ponto chave de qualquer reportagem. O primeiro contacto com os intervenientes é fundamental para a realização da reportagem.

Este é um dos momentos mais delicados da realização de uma reportagem. Nas duas reportagens “Raízes do Tarrafal” e “A FORTIORI – Por Maioria de Razão”, a escolha das fontes de informação foi essencial para o sucesso das mesmas.

Em “Raízes do Tarrafal” a escolha da fonte de informação foi essencial para poder penetrar no bairro São João de Deus em toda a segurança, ter acesso aos entrevistados e mais importante que tudo conseguir conquistar a sua confiança para a realização da reportagem, cumprindo os objectivos fixados. A Dr<sup>a</sup> Márcia, psicóloga de profissão e orientadora do projecto “Pular a Cerca”, foi sem dúvida o elemento essencial ao bom funcionamento de todo o processo.

Em “A FORTIORI – Por Maioria de Razão”, as limitações impostas pelo Estado português condicionaram o trabalho da equipa, no entanto, a principal fonte de informação permitiu à equipa de reportagem penetrar em toda a legalidade no dia à dia dos homens que compõem o Corpo de Intervenção, bem como, ter acesso a uma missão secreta de intervenção no terreno.

Para não arriscar a perder o testemunho dos principais intervenientes e ter testemunhos que não são “verdadeiros”, é necessário que haja primeiro uma conquista de confiança mútua.

O jornalista quando chega ao local do acontecimento deve começar por ouvir o interveniente e os testemunhos numa conversa sem microfone e câmara. Pois só assim será possível “conquistar” a confiança dos protagonistas / intervenientes no acontecimento para a gravação de uma entrevista e fazer a triagem de quem são as “verdadeiras” testemunhas.

### **2.3.2. As anotações.**

Jean-Luc Martin-Lagardette (cit in Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço)

*“ O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta ”*

Os primeiros instrumentos de um repórter são a caneta e o papel. As notas escritas em papel pelo jornalista são um complemento indispensável às informações em bruto recolhidas com o microfone e a câmara.



No caso da grande reportagem o jornalista deve levar escritas e preparadas todas as entrevistas e objectivos que se propõe alcançar. Os apontamentos servem neste caso para lembrar um momento importante que poderá servir na hora da montagem da reportagem.

O operador de imagem tem como objectivo a recolha de informação através da gravação de planos informativos que restituem o acontecimento. É importante o jornalista comunicar e explicar o objectivo da reportagem ao operador de imagem para que no terreno tudo corra da melhor forma possível.

### **2.3.3. As entrevistas**

Tal como afirma Jorge Pedro Sousa (2003., p. 142):

“ A entrevista é, com a captação de imagens e o comentário sobre imagens, um dos três grandes pilares do trabalho quotidiano da informação em televisão. As reportagens muitas vezes alicerçam-se em entrevistas, pois é preciso ouvir pessoas, colocar testemunhos de acontecimentos a contar como estes se desenvolveram, etc”.

A entrevista é uma conversa a três: entre entrevistador, entrevistado e espectador. É para o espectador que o jornalista trabalha, convém não esquecer, por isso, que quando se prepara uma entrevista deve-se pensar naquilo que os espectadores gostariam de perguntar. A entrevista é o elemento jornalístico onde a atenção do jornalista tem um papel preponderante. A chave da entrevista está na obtenção de boas respostas.

Marc RABOY ( *cit in* Marc RABOY, André ROY, 1992, pp. 174-189) Les médias québécois : presse, radio, télévision, câblodistribution, afirma que:

“ A entrevista é uma espécie de reportagem dentro da reportagem, onde, através de uma conversa, o jornalista tenta dar a conhecer a opinião, as ideias ou experiências de um entrevistado (...) o papel do jornalista é secundário, na medida em que serve de intermediário entre o telespectador e o entrevistado. Permitindo assim ao telespectador ter conhecimento directamente das declarações do entrevistado (...)”.

A ilustrar perfeitamente esta citação encontra-se a reportagem “ Raízes do Tarrafal ”, na qual a jornalista, eu própria, ocupa um papel secundário de orientadora da reportagem. A reportagem não tem voz *off*, toda a história é contada através das respostas dadas pelos entrevistados. A jornalista desenvolve aqui um papel de intermediária de informação, criando um canal directo entre os entrevistados e os telespectadores.

Por isso, as entrevistas devem ser bem preparadas. O seu sucesso, em grande medida, é determinado pela respectiva preparação e pelo conhecimento que o jornalista tem do entrevistado e do assunto.

Essas perguntas devem ser específicas e claras; curtas e directas; fortes e incisivas, apelando a respostas simples, rápidas e esclarecedoras. O imprevisto também pode ser necessário, pois é o jornalista apesar de ter uma linha condutora da sua entrevista também deve estar preparado para reagir face ao desconhecido ou imprevisto.

Na **entrevista testemunho** o objectivo do jornalista é obter informações de base, a partir de cinco questões: *Quem? O quê? Quando? Como? Porquê?*

As perguntas abertas, demasiado vastas e muito teóricas deverão ser evitadas, pois isso vai dar origem as respostas também elas vagas. Como afirma Squirra (1993, p. 77):

“ O repórter de televisão não pode deixar o entrevistado falar à vontade, usando o tempo que queira para desenvolver uma ideia. Na realização da reportagem ele deve memorizar o tempo que o entrevistado está a levar a responder a cada pergunta. E saber escolher o momento certo de o interromper para apresentar mais uma questão – visando maior objectividade – ou formulando uma nova pergunta, para melhor desenvolver o assunto. Para isso é preciso saber interromper a entrevista ”.

Há várias formas de se classificar as entrevistas: quanto ao tema (política, económica; cultural, sociedade, etc.) e quanto ao objectivo (testemunho; declaração; explicação e documento.

A **entrevista declaração** acontece, por exemplo, numa conferência de imprensa em que os interlocutores não querem falar senão sobre aquilo que prepararam. No entanto, o jornalista deve utilizar o seu direito de relançamento e fazer questões sobre pontos que foram omissos na declaração, mas que o jornalista entende serem os mais interessantes. E aqui mesmo um “ não faço comentários!” ou a imagem de um rosto que se fecha após uma pergunta, são uma informação.

A **entrevista explicação** é a do especialista ou responsável por um assunto. Convém que repórter não se apresente em situação de inferioridade e prepare esta entrevista com muito cuidado.

A **entrevista documento** trata-se de um relato pormenorizado ou de um retrato. Os silêncios e as hesitações devem ser respeitados porque eles também exprimem. Muitas informações também podem ser transmitidas através da postura física. Por isso, aqui os grandes planos do rosto e das mãos traduzirão os sentimentos do entrevistado.

Seja qual for o tipo de entrevista que se faça, um aspecto importante que o jornalista tem que ter em conta a primeira abordagem ao entrevistado, tendo particular atenção ao tema que se vai abordar, bem como, ao tipo de entrevistado que se vai entrevistar. Não se aborda da mesma maneira um adolescente e um político, ou um médico e um recluso.

#### **2.3.4. Os documentos**

Os documentos de arquivo são sempre úteis e ajudam a compreender a história que se quer contar, através do estudo do passado. Situar a acção, relatando acontecimentos anteriores pode ajudar os telespectadores a perceber melhor o conteúdo da reportagem.

Pierre Ganz aconselha a precaução de manter em dia essa documentação, de eliminar os elementos obsoletos ou redundantes e de referenciar sistematicamente todos os documentos que retém.

### 2.3.5. A importância da imagem e do som

Em televisão, jornalistas, câmaras e editores, escrevem com Imagem, Som e Texto, e o melhor texto televisivo é aquele que é escrito com os dois primeiros instrumentos.

Como afirma Jorge Pedro Sousa (2003., p. 89),

“ o telejornalismo alimenta-se de imagens e sons de acontecimentos ou de imagens e sons de substituição dos acontecimentos. Só em último recurso se faz telejornalismo sem imagens e respectivos sons”.

A imagem e o som são na reportagem televisiva mais dois veículos de informação. Neste caso, como afirma Barbeiro Lima (2002., p.70) “ o repórter não pode esquecer que a notícia está contida tanto no seu testemunho dos factos, nas sonoras, como nas imagens gravadas”.

Para Ribes e Catalán (1998, p. 18) “ qualquer imagem que se capte no exterior do centro de produção televisivo, deve incluir necessariamente todos os sons originais”<sup>2</sup>

Na reportagem “A FORTIORI – Por Maioria de Razão”, foram utilizadas duas câmaras para captura de imagem. A primeira, utilizada pelo repórter de imagem, seguia as indicações previamente estabelecidas pela jornalista. A segunda, uma câmara mais pequena, utilizada pela jornalista, tinha como objectivo mostra o que os agentes do Corpo de intervenção estavam a ver, tornando-se assim o olhar no terreno do telespectador e uma personagem ao nível de todos os intervenientes da reportagem.

Para Squirra (1993, p. 135),

“ É fundamental que o telejornalista domine o processo de comunicação com as imagens em movimento e com todos os seus elementos expressivos, tais como o som, a iluminação e os cenários. É com conhecimento de todos esses elementos que se torna concreta a intenção de comunicar algum fato para os espectadores”.

---

<sup>2</sup> Tradução livre a partir da seguinte citação original: “cualquier imagen que se capte en el exterior del centro de produccion de television debe incluir, todos los sonidos originales”.

Jespers (1998) salienta, à luz de um conhecido provérbio, que o rádio anuncia, a televisão mostra e a imprensa explica. Segundo Paternostro (1999) o rádio consegue dar a notícia em “primeira mão”, contudo a televisão compreende a informação como sendo visual, a imagem em movimento. Se alguém ouve na rádio uma notícia de grande impacto, logo depois liga a TV, em busca de mais informações” (Paternostro, 1999. p. 63).

Através de um bom uso da técnica de captação de imagem, pode-se transmitir também subliminarmente uma mensagem. O tipo de plano que é usado pode ser uma mais valia para determinado tipo de reportagem. Segundo Jorge Pedro Sousa (2003, p. 93) o enquadramento materializa-se no plano, e este corresponde a um segmento de imagem. Segundo o autor, é o plano que delimita o tempo de leitura da imagem. E pode classificar-se como:

- Plano Geral: os planos são fundamentalmente informativos. Servem para mostrar uma localização concreta e situar o observador. Por exemplo, para situar ao telespectador o local onde se desenvolve ou desenvolveu uma acção, pode abrir-se uma reportagem com um plano geral.
- Plano de Conjunto: o plano é mais fechado que o plano geral. Pode mesmo considerar-se como um plano geral mais fechado. Ao contrário do que acontece num plano geral, num plano de conjunto o motivo, representado por inteiro, distingue-se do ambiente.
- Plano de Corpo Inteiro: é o plano em que o motivo é representado por inteiro numa imagem, enchendo quase na totalidade o enquadramento.
- Plano Americano: o plano é mais fechado do que o plano de corpo inteiro e aplica-se unicamente a pessoas, que são cortadas ligeiramente acima dos joelhos.
- Plano Médio: o plano serve para relacionar os objectos e aproximam-se de uma visão “objectiva” da realidade. Precisam de acção e destacam os sujeitos do ambiente. São bastantes descritivos, pois permitem o reconhecimento do motivo.
- Plano Próximo. É um plano médio mais fechado.

- **Grandes Plano:** são muitas vezes mais expressivos do que informativos, embora sejam mais polissêmicos do que os planos mais fechados.
- **Plano de Pormenor:** mostram apenas o pormenor, como por exemplo, os olhos, as mãos, etc.
- **Zoom:** corresponde á abertura ou fechamento graduais de um plano. Quando se abre um plano, designa-se *zoom out*. Quando se fecha um plano designa-se de *zoom in*.
- **Panorâmicas:** consistem em rotações em torno do seu eixo vertical ou do seu eixo horizontal.
- **Traveling:** consiste num deslocamento da câmara durante o qual permanece constante o ângulo entre o eixo óptico e a trajectória do deslocamento.

## **2.4. Tratamento da Informação**

Após a recolha de informação escrita e gravada, é importante ordenar todo o material recolhido, para começar a elaborar a reportagem. O que acontece, normalmente, quando o jornalista regressa à base já vem com uma ideia pré-defenida de como vai tratar toda a informação, pelo menos é assim que deveria acontecer.

### **2.4.1. Escolha do ângulo de abordagem**

A informação tem de ser apresentada ao telespectador de forma ordenada, captando a sua atenção e apelando aos seus sentimentos.

Neste sentido, a primeira coisa a fazer é escolher o ângulo da reportagem. O ângulo, como define Pierre Ganz, (s.d., p.49) é o ponto de vista escolhido pelo jornalista para tratar um

assunto. Apenas um aspecto é abordado, mas é abordado em profundidade. A abordagem dirigida do assunto deve elucidar o conjunto.

Como escreve Ganz (s.d., p.49),

“ (...) o ângulo é para o jornalista o mesmo que a biopsia é para o biólogo ou a amostra para o geólogo. Apenas uma pequena parte do tecido ou do subsolo é estudada. É seleccionada de maneira a dar uma ideia global do conjunto e analisada sob todas as suas facetas.”

Geralmente cabe ao jornalista defini-lo com base nos elementos recolhidos. Essa escolha é em função: da actualidade, da novidade da informação; dos factos observados e dos elementos recolhidos, e do público ao qual se destina a reportagem.

Por vezes também acontece que o jornalista saia para fazer uma reportagem com uma certa orientação, mas deparando-se no local com outras informações ou acontecimentos, obrigando assim a que a primeira abordagem seja totalmente reestruturada.

#### **2.4.2. Visualização do vídeo e áudio**

A compreensão das informações transmitidas pressupõe que o jornalista as organiza segundo uma lógica. Esta hierarquia é o complemento da escolha do ângulo. Nas palavras de Ganz, (s.d., p.52) o primeiro reflexo do repórter é reler / visualizar todo o material recolhido, ou seja, as notas manuscritas e as gravações feitas em vídeo e em áudio.

Primeiro, é preciso escutar ou visionar todas as imagens e áudios registados pelo microfone e pela câmara, tomando notas e registando as durações / *time codes*. Senão perde-se tempo a ler e a reler a gravação para se encontrar a passagem interessante.

Como afirma Jorge Pedro Sousa, (2003., p. 116) Isso significa que, tanto quanto possível, o telejornalista deve procurar contar a história com imagens antes mesmo de estruturar o comentário que lhes colará. A melhor opção é aquela que respeita o primado das imagens, que organiza a narrativa audiovisual e faz a montagem mesmo antes de se pensar no texto - *off*.

Numa peça de televisão, e a menos que trate de um efeito propositado, não pode haver comentário – *off* sem se observarem imagens no ecrã.

### **2.4.3. A escrita do texto off**

Respeitar as imagens, afirma Jorge Pedro Sousa (2003., p. 116) é a principal regra da escrita do texto *off*.

Numa peça bem estruturada, o texto *off* vai respondendo às questões que as imagens vão suscitando. As imagens e os respectivos sons têm de respirar, têm de valer por si. O telespectador não pode ser afogado em texto *off*.

Além disso, as imagens são a substância primeira da televisão. Ao texto *off* está reservada a função de explicitação do sentido dessas imagens, uma função de complementaridade. O texto *off* pode também chamar a atenção para particularidades da imagem mas não deve chegar nunca à redundância.

A contradição entre imagens e texto *off* causa ruído na comunicação. É preciso ter em atenção que não se pode estar a mostrar no ecrã a imagem, por exemplo, de uma pessoa quando se está a falar de outra.

Seja numa notícia, numa reportagem, ou até numa entrevista, o texto televisivo tem “horror ao luxo”. A redacção para televisão deve ser clara, concisa, e harmónica. Os parágrafos devem ser curtos. As palavras devem ser simples e os adjectivos devem ser evitados.

O texto em televisão não pode ser abstracto. Ele fala de pessoas ou coisas que acontecerem a pessoas e é escrito para as pessoas. Ele conta uma história, por isso tem de ser escrito para ser falado e não para ser lido.

O texto televisivo deve aproximar-se tanto quanto possível da linguagem oral. É importante humanizar a história e “levar o telespectador até ao local do acontecimento” com o texto do jornalista conjugado com as imagens e o som.



É claro que em qualquer órgão de comunicação social, neste caso numa estação de televisão, há uma linha editorial que é determinada pela Direcção da Estação, mas isso não implica que cada jornalista procure começar as suas reportagens e acabá-las ou até mesmo fazer “vivos” de uma forma criativa / acentuada e diferente.

Como afirma Ganz (s.d., p. 53),

“ (...) a abertura da reportagem, [ou seja as primeiras palavras do texto], deve prender desde logo atenção do telespectador, surpreende-lo e dar-lhe vontade de querer saber mais. Essa primeira frase deve indiciar logo o ângulo que será tratado no texto. Deve conter o facto mais recente e mais forte”.

E, segundo o autor, a última frase deve seguir o mesmo princípio. As últimas palavras são as que vão ficar no ouvido do telespectador e fechar o ângulo de abordagem. Mas essa conclusão não tem que ser moralista. Pelo contrário, pode abrir um outro tema, um ponto deixado em suspenso no estado actual das informações disponíveis.

## **2.5. Montagem / Edição**

Depois de seleccionadas as imagens, o áudio e escrito o texto off, segue-se a última etapa de realização de uma reportagem televisiva que é a montagem ou edição destes três elementos.

A montagem / edição é a etapa em que como afirma Ribes e Catalan (1998),

“ (...) o jornalista e o editor de imagem entram directamente numa cabine de edição como o seu material, trabalham em contra relógio e tomam decisões arbitrárias no que se refere às imagens a usar.”<sup>3</sup>

A montagem como afirma Jorge Pedro Sousa (2003., p. 114) refere-se ao todo áudio -scripto - visual e não apenas às imagens. Na montagem é preciso ter em atenção que os sons são importantes (comentário *off*, som ambiente, efeitos sonoros, etc.) e que por vezes se torna necessário introduzir elementos gráficos, fixos ou animados (por exemplo, se não há imagens

---

<sup>3</sup> Tradução livre a partir da citação original: “el redactor y el editor de imágenes entran directamente a una cabina de edición con su material, trabajan contra reloj, y toman decisiones arbitrarias con respecto a las imágenes que empleará”

de um acidente pode-se criar uma infografia animada que explique como esse acidente ocorreu).

Às vezes as imagens televisivas são pobres. Muitas vezes mostram apenas aquilo que chamamos de “Mundo Sentado”, nomeadamente no que diz respeito a conferências de imprensa ou cerimónias de Estado. Quando não há imagens movimentadas de um acontecimento, durante a montagem o editor pode criar subterfúgios capazes de atrair a atenção do telespectador, através da introdução de imagens de arquivo alusivas ao tema.

Regra geral as partes da mensagem televisiva que melhor se retém são o princípio e o fim. Por isso, o jornalista e o editor têm que ponderar muito bem a forma como vão abrir e encerrar a reportagem. Para captar a atenção, mais importante que um texto *off* apelativo, é importante que as primeiras imagens e os primeiros sons sejam fortes.

## **Capítulo III**

### **“A FORTIORI – Por Maioria de Razão”**

### 3.1. Sumário

A reportagem “A FORTIORI – Por Maioria de Razão” foi escolhida por ter sido uma reportagem de difícil realização, pelas restrições impostas pelo Estado Português para a sua realização.

Por isso através de tabelas explicativas procura-se dar a conhecer quais os intervenientes nesta reportagem, o local, que tipo de planos foram utilizados e a sua conjugação com a voz off.

### 3.2. Explicação e análise dos dados empíricos

Para apresentação e análise dos dados obtidos na análise da reportagem, “A FORTIORI – Por Maioria de Razão” são utilizadas tabelas onde são mencionados os intervenientes humanos, os entrevistados, a equipa de reportagem, a mensagem e a forma como é transmitida, tendo em conta os planos utilizados e a voz off.

**Tabela 1 – Entrevistados nesta reportagem**

Entrevistados	Função
José Vieira	Comissário e Comandante do Corpo de Intervenção PSP Porto
Marcelo Oliveira	Operacional do CI
António Moça	Agente principal do CI
Sérgio Castro	Comandante do 3º Subgrupo do Destacamento
António Martins	Brigada Cinotécnica
Manuel Martins	Subcomissário do CI
Henrique Pinto	Agente Principal CI

Na tabela 1, constam os entrevistados nesta reportagem, “A FORTIORI – Por Maioria de Razão” e á frente a função de cada um. São intervenientes importantes, uma vez que cada um

desempenha um papel importante na família que representa o Corpo de Intervenção da PSP do Porto.

**Tabela 2 – Mensagem, lugar e intervenientes na reportagem**

<b>Mensagem</b>	<b>Lugar</b>	<b>Intervenientes</b>
Conhecer os homens que constituem o Corpo de Intervenção da PSP do Porto.	Porto	Membros do Corpo de Intervenção do Porto.

A reportagem “A FORTIORI – Por Maioria de Razão” é uma reportagem puramente informativa. A reportagem pretende mostrar a personalidade dos membros do Corpo de Intervenção da PSP, o seu dia-à-dia, os treinos, o convívio e a preparação para missões especiais, tendo a equipa de reportagem acompanhado uma dessas missões secretas.

**Tabela 3 – Duração**

<b>Duração</b>	25’
----------------	-----

A tabela 3 refere-se ao tempo de duração desta reportagem. Apesar de ser uma reportagem de carácter informativo esta grande reportagem tem uma duração de 25 minutos, a pedido da direcção do canal RTV (Regiões Televisão).

**Tabela 4 – Recursos Humanos intervenientes na reportagem**

<b>Recursos Humanos</b>		
<b>Jornalista</b>	<b>Repórter de Imagem</b>	<b>Edição</b>

<p>A reportagem foi elaborada pela jornalista Clara Araújo Teixeira enquanto jornalista e Chefe de redacção da Regiões Televisão (RTV). Entre as várias tarefas, realizou contactos, pesquisa sobre o assunto.</p>	<p>Jorge Silva foi o repórter de imagem principal desta reportagem. Foi a ele que coube a tarefa de “captar” / gravar as melhores imagens possíveis respeitando a identidade e anonimato de alguns intervenientes.</p> <p>- Clara Araújo Teixeira coube a tarefa de capturar imagens com a segunda câmara, com o objectivo de transmitir o que os agentes do Corpo de Intervenção vêem na primeira pessoa. A segunda câmara é uma personagem principal com as imagens de cor diferente marcando assim a diferença com as outras imagens. Esta câmara foi também utilizada na simulação de uma refém onde a jornalista é refém e filma o que as vítimas vêem na primeira pessoa.</p>	<p>A edição desta reportagem foi feita por dois editoras: Jorge Silva com orientação de Clara Araújo Teixeira. Foi uma edição que tentou ao máximo ilustrar com imagens o que o texto diz e que tenta acompanhar o ritmo da acção no terreno através de algumas técnicas de edição que transmitem movimento, bem como a utilização de música. Música escolhida naturalmente, pois era a música que os agentes tinham nos carros deles: “Bad Boys” de Bob Marley.</p>
--	---	--

A tabela 4 refere-se aos recursos humanos intervenientes na reportagem. Os intervenientes são o jornalista, o repórter de imagem e editores, tendo estes cargos sido acumulados por Clara Araújo Teixeira e Jorge Silva. Cada um deles tem uma tarefa específica a desempenhar na elaboração da reportagem. Contudo, este foi, sem dúvida, um trabalho de equipa que em todos os momentos se esforçou para que a mensagem fosse transmitida com o maior rigor e objectividade possível.

**Tabela 5 – Desenvolvimento da Reportagem**

<b>Desenvolvimento da Reportagem</b>		
	<b>Imagem</b>	<b>Som</b>
<b>Início</b>	A reportagem começa com um plano dentro do carro do Comissário Vieira, minutos antes de sair para a missão secreta, aguardando ordens para partir.	Ainda não há voz off, ouve-se o comissário Vieira areceber a ordem e a transmitti-la para toda a unidade de intervenção. Como som ambiente, ouve-se a música “Bad Boys” de Bob Marley, que é transmitida em todas as rádios dos carros de patrilha através de CD.
<b>Desenvolvimento</b>	O inicio da reportagem é um a especie de apanhado da missão de intervenção no terreno: uma apreensão de droga com a deslocação de todas as viaturas. Quando se chega ao bairro, a acção pára e há como um regresso ao passado onde se mostra toda a semana de treino daqueles homens, com entrevistas e voz off.	A musica acompanha a primeira e terceira parte da reportagem: o percurso até ao bairro, e depois a acção no bairro e regresso.  A voz off está presente na segunda parte da reportagem, que consiste na apresentação dos homens, a sua preparação física e mental.
<b>Final</b>	A terceira parte da reportagem recomeça no	A reportagem acaba com as equias de intervenção a

	ponto em que foi deixada na primeira parte com a chegada ao bairro, a acção toda no bairro e o regresso ao quartel.	chegar ao quartel, depois de mais uma missão cumprida. O momento é acompanhado com música, pois a voz off não iria acrescentar nada às imagens. É o momento de descontração.
--	---	--

A tabela 5 refere-se ao desenvolvimento da reportagem. Aqui está retratado como o jornalista trabalhou o tema da reportagem, tendo em conta a voz off, a música e as imagens utilizadas. Verifica-se, portanto, que há uma tentativa para que as imagens andem a par com o texto e a acção.

**Tabela 6 – Presença do Jornalista**

Voz off	“Vivo”
Sim	Não
A voz off esteve na segunda parte da reportagem presente. Houve a preocupação em fazer com que houvesse uma sequência lógica entre os planos e o texto, para que a mensagem fosse transmitida de uma forma harmoniosa e o mais perceptível possível.	Neste caso não foi feito nenhum “vivo” pelo jornalista porque não se justificava. Todas as fontes de informação estavam lá. A reportagem tem o movimento necessário para uma grande reportagem deste género e não havia razões para o jornalista acrescentar ele próprio uma mensagem a partir do local do acontecimento, visto tratar-se de uma grande reportagem e não de uma notícia.

A tabela 6 diz respeito á presença do jornalista na reportagem. A voz off foi um elemento presente unicamente na segunda parte da reportagem. Foi o recurso utilizado para transmitir a mensagem, uma vez que as imagens transmitem grande parte da informação.



**Tabela 7 – Emissão da Reportagem**

<b>Emissão</b>	A reportagem passou no espaço informativo “Reportagem Extra” da RTV.
----------------	--

**Tabela 8 – Sons usados na reportagem**

<b>Música</b>	<b>Som Ambiente</b>	<b>Voz off</b>
<b>Sim</b>	<b>Sim</b>	<b>Sim</b>
A música cria uma ligação entre os elementos do Corpo de Intervenção e depois utilizada pelo jornalista estabelece uma ligação directa com o telespectador que é transportado para o local da acção.	O som ambiente deve existir sempre e é um elemento importante. É através da audibilidade do cenário envolvente que o telespectador consegue receber mais mensagens sobre o que está a ver e sentir-se mais próximo do acontecimento.	Tirando partido das possibilidades rítmicas e fonéticas da língua e com a pontuação e coloquialidade adequadas foi possível equilibrar o texto. A pontuação dá sentido interpretativo á notícia.

A tabela 8 refere-se aos sons usados na reportagem. Conforme se explicita no comentário, cada um deles teve uma função particular para desenvolvimento da reportagem. A construção de sentido para a mensagem dependeu de todos eles.

**Tabela 9 – Planos usados na reportagem**

<b>Tipo de Plano</b>	<b>Existência</b>	<b>Descrição</b>
<b>Plano Geral</b>	Sim	É um plano que apanha na a acção e todos os

		intervenientes no local.
<b>Plano de Conjunto</b>	Sim	É um plano com menor informação que o plano geral. Apresenta os motivos em conjunto no ambiente da acção. Tem um importante valor descritivo. Este plano é muito utilizado nesta reportagem para mostrar os agentes reunidos nos treinos, ou mesmo antes de partir para a missão.
<b>Plano Corpo Inteiro</b>	Sim	É um plano de corpo inteiro do entrevistado.
<b>Plano Americano</b>	Sim	Utilizado em algumas entrevistas.
<b>Plano Médio</b>	Sim	Quando o motivo é um objecto, um plano médio refere-se a uma parte desse objecto. Este plano é utilizado para mostrar apenas os entrevistados.
<b>Plano Próximo</b>	Sim	É um plano médio mais fechado. Este também é um plano muito utilizado nesta reportagem. É com ele que abro a reportagem ao mostrar o comissário Vieira dentro do carro.

<b>Grande Plano</b>	Sim	
<b>Plano de Pormenor</b>	Sim	É um plano fechado, que mostra um pormenor da acção.

Na tabela 9 referem-se os planos usados na reportagem. Conforme se explicita na parte teórica deste projecto, cada plano é definido e reforçado através de um exemplo concreto da reportagem analisada. Os planos são portadores de informação e representam um espaço onde se podem produzir um conjunto de acontecimentos.

**Tabela 10 – Planos em movimento usados na reportagem**

<b>Travelling</b>	<b>Panorâmica</b>	<b>Grua</b>
Sim	Sim	Não
Este plano consiste numa deslocação da câmara da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda.	Este tipo de plano consiste na rotação da câmara em torno do seu eixo vertical ou do seu eixo horizontal.	

A tabela 10 refere-se aos planos em movimento utilizados na reportagem. Conforme se explicita na parte teórica do projecto, o único movimento utilizado foi a panorâmica, para fazer perceber a dimensão do Tribunal.

## **“Raízes do Tarrafal”**

### 3.1. Sumário

A reportagem “Raízes do Tarrafal” foi escolhida por ter sido uma reportagem de difícil realização no terreno, o local escolhido da reportagem foi o bairro São João de Deus, no meio do bairro e dos seus habitantes. A equipa de reportagem foi bem recebida, mas viveram-se, no entanto, alguns momentos de tensão com algumas pessoas presentes no bairro e a quem a nossa objectiva incomodou.

Por isso através de tabelas explicativas procura-se dar a conhecer quais os intervenientes nesta reportagem, o local, que tipo de planos foram utilizados e a sua conjugação com a voz off.

### 3.2. Explicação e análise dos dados empíricos

Para apresentação e análise dos dados obtidos na análise da reportagem “Raízes do Tarrafal”, são utilizadas tabelas onde são mencionados os intervenientes humanos, os entrevistados, a equipa de reportagem, a mensagem e a forma como é transmitida, tendo em conta os planos utilizados.

**Tabela 1 – Entrevistados nesta reportagem**

<b>Entrevistados</b>	<b>Função</b>
Cátia Coelho – 15 anos de idade	Viveu 10 anos e 6 meses no Bairro São João de Deus (Tarrafal)
Cristiano Monteiro – 18 anos	Viveu 16 anos e 6 meses no Bairro São João de Deus
Albertina Sousa – 48 anos	Viveu 44 anos e 6 meses no Bairro São João de Deus
Norbinda Monteiro – 58 anos	Viveu 23 anos no Bairro São João de Deus
Pilar	Moradora do bairro São João de Deus

Na tabela 1, constam os entrevistados nesta reportagem “Raízes do Tarrafal”, personagens principais da reportagem, pois a história é contada na primeira pessoa sem intervenção do jornalista.

**Tabela 2 – Mensagem, lugar e intervenientes na reportagem**

<b>Mensagem</b>	<b>Lugar</b>	<b>Intervenientes</b>
Conhecer duas gerações de antigos moradores do bairro São João de Deus, deslocados para o bairro do Cerco no Porto, mas que continuam com as suas raízes no Tarrafal.	Porto	Antigos moradores do bairro São João de Deus

A reportagem “Raízes do Tarrafal”, é uma grande reportagem, que pretende mostrar como foram deslocadas as famílias do bairro São João de Deus, forçadas a deixarem as suas casas e ligações familiares e sociais. Histórias de vida dramáticas que atingem todas as gerações.

**Tabela 3 – Duração**

<b>Duração</b>	25’
----------------	-----

A tabela 3 refere-se ao tempo de duração desta reportagem. Apesar de ser uma reportagem de carácter informativo esta grande reportagem tem uma duração de 25 minutos, a pedido da direcção do canal RTV (Regiões Televisão).

**Tabela 4 – Recursos Humanos intervenientes na reportagem**

<b>Recursos Humanos</b>		
<b>Jornalista</b>	<b>Repórter de Imagem</b>	<b>Edição</b>
A reportagem foi elaborada pela jornalista Clara Araújo Teixeira enquanto jornalista e Chefe de redacção da	Jorge Silva foi o repórter de imagem principal desta reportagem. Foi a ele que coube a tarefa de “captar” /	A edição desta reportagem foi feita por dois editoras: Jorge Silva com orientação de Clara Araújo Teixeira. Foi

Regiões Televisão (RTV). Entre as várias tarefas, realizou contactos, pesquisa sobre o assunto.	gravar as melhores imagens possíveis respeitando os intervenientes. Esta grande reportagem permitiu uma escolha arrojada e pouco convencional dos planos filmados.	uma edição que tentou ao máximo ilustrar com imagens o que dizem os entrevistados e que tenta acompanhar o ritmo da acção no terreno através de algumas técnicas de edição que transmitem movimento, bem como a utilização de música.
--	--	---

A tabela 4 refere-se aos recursos humanos intervenientes na reportagem. Os intervenientes são o jornalista, o repórter de imagem e editores, tendo estes cargos sido acumulados por Clara Araújo Teixeira e Jorge Silva. Cada um deles tem uma tarefa específica a desempenhar na elaboração da reportagem. Contudo, este foi, sem dúvida, um trabalho de equipa que em todos os momentos se esforçou para que a mensagem fosse transmitida com o maior rigor e objectividade possível.

**Tabela 5 – Desenvolvimento da Reportagem**

<b>Desenvolvimento da Reportagem</b>		
	<b>Imagem</b>	<b>Som</b>
<b>Início</b>	Esta reportagem tem como particularidade de ser a preto e branco, o que reforça o cenário de destruição do local da reportagem. A reportagem começa com um plano um plano do bairro para situar a acção e segue	O som ambiente está sempre presente, acompanhando as entrevistas, a música também faz parte da reportagem como uma personagem que desperta as emoções.

	com a apresentação de todos os entrevistados.	
<b>Desenvolvimento</b>	A reportagem segue em função das respostas dos entrevistados que contam a história das suas vidas enquanto viviam no bairro. O antes e o depois de terem sido transferidos para outro bairro e separados dos familiares e amigos.	A musica acompanha a reportagem aliviando a tensão das respostas permitindo ao telespectador momentos mais calmos.  Não existe voz off, o jornalista serve de orientador e canal de transmissão entre os entrevistados e o telespectador.
<b>Final</b>	A ultima parte da reportagem é o “adeus” ao bairro. Vê-se o bairro a desaparecer	A reportagem acaba com a equia de reportagem a ir embora, música de fundo, e uma criança a correr atrás do carro e a pedir para ir-mos a casa dele.

A tabela 5 refere-se ao desenvolvimento da reportagem. Aqui está retratado como o jornalista trabalhou o tema da reportagem, tendo em conta a voz off que não existe, a música e as imagens utilizadas. Verifica-se, portanto, que há uma tentativa para que as imagens andem a par com as entrevistas.



**Tabela 6 – Presença do Jornalista**

<b>Voz off</b>	<b>“Vivo”</b>
<b>Não</b>	<b>Não</b>
A voz off não existe nesta grande reportagem, a história é relatada na primeira pessoas pelos entrevistados, que contam assim a sua história.	Neste caso não foi feito nenhum “vivo” pelo jornalista porque não se justificava. Todas as fontes de informação estavam lá. A reportagem tem o movimento necessário para uma grande reportagem deste género e não havia razões para o jornalista acrescentar ele próprio uma mensagem a partir do local do acontecimento, visto tratar-se de uma grande reportagem e não de uma notícia.

A tabela 6 diz respeito á presença do jornalista na reportagem. A voz off foi um elemento que se evidencia por não estar presente. Foi o recurso utilizado para transmitir a mensagem, uma vez que as imagens transmitem grande parte da informação aliadas às entrevistas.

**Tabela 7 – Emissão da Reportagem**

<b>Emissão</b>	A reportagem passou no espaço informativo “Reportagem Extra” da RTV.
----------------	--

**Tabela 8 – Sons usados na reportagem**

<b>Música</b>	<b>Som Ambiente</b>	<b>Voz off</b>
<b>Sim</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
A música cria momentos de descontração. A musica acompanha a reportagem	O som ambiente deve existir sempre e é um elemento importante. É através da	Esta reportagem destaca-se pela falta de voz off. O jornalista optou por deixar as

aliviando a tensão das respostas permitindo ao telespectador momentos mais calmos.	audibilidade do cenário envolvente que o telespectador consegue receber mais mensagens sobre o que está a ver e sentir-se mais próximo do acontecimento.	personagens contar as suas próprias histórias.
--	--	--

A tabela 8 refere-se aos sons usados na reportagem. Conforme se explicita no comentário, cada um deles teve uma função particular para desenvolvimento da reportagem. A construção de sentido para a mensagem dependeu de todos eles.

**Tabela 9 – Planos usados na reportagem**

<b>Tipo de Plano</b>	<b>Existência</b>	<b>Descrição</b>
<b>Plano Geral</b>	Sim	É um plano que apanha na acção e todos os intervenientes no local.
<b>Plano de Conjunto</b>	Sim	É um plano com menor informação que o plano geral. Apresenta os motivos em conjunto no ambiente da acção. Tem um importante valor descritivo. Este plano é muito utilizado nesta reportagem para mostrar o bairro na sua generalidade.
<b>Plano Corpo Inteiro</b>	Sim	É um plano de corpo inteiro do entrevistado.
<b>Plano Americano</b>	Sim	Utilizado em algumas entrevistas.

<b>Plano Médio</b>	Sim	Quando o motivo é um objecto, um plano médio refere-se a uma parte desse objecto. Este plano é utilizado para mostrar apenas os entrevistados.
<b>Plano Próximo</b>	Sim	É um plano médio mais fechado. Este também é um plano muito utilizado nesta reportagem.
<b>Grande Plano</b>	Sim	
<b>Plano de Pormenor</b>	Sim	É um plano fechado, que mostra um pormenor da acção.

Na tabela 9 referem-se os planos usados na reportagem. Conforme se explicita na parte teórica deste projecto, cada plano é definido e reforçado através de um exemplo concreto da reportagem analisada. Os planos são portadores de informação e representam um espaço onde se podem produzir um conjunto de acontecimentos.

**Tabela 10 – Planos em movimento usados na reportagem**

<b>Travelling</b>	<b>Panorâmica</b>	<b>Grua</b>
Sim	Sim	Não
Este plano consiste numa deslocação da câmara da esquerda para a direita ou da	Este tipo de plano consiste na rotação da câmara em torno do seu eixo vertical ou do seu	

direita para a esquerda.	eixo horizontal.	
--------------------------	------------------	--

A tabela 10 refere-se aos planos em movimento utilizados na reportagem. Conforme se explicita na parte teórica do projecto, o único movimento utilizado foi a panorâmica, para fazer perceber a dimensão do Tribunal.

## **Conclusão e Análise Crítica**

Com este trabalho, foram aprofundados os conhecimentos sobre a grande reportagem em televisão, um género jornalístico que procura explicar os acontecimentos, as suas circunstâncias e as suas implicações menos aparentes. Um género que permite também mais liberdade ao jornalista, tanto na forma como trata o conteúdo como na estética escolhida para o apresentar, respeitando todos os procedimentos jornalísticos bem como o código deontológico do jornalista.

Durante este trabalho foram descobertos e estudados alguns dos instrumentos importantes no desenvolvimento de uma reportagem e por consequência de uma grande reportagem também. Desde a investigação sobre o tema, à preparação da reportagem, à acção no terreno até à montagem ou edição, todas as fases implicam a utilização de instrumentos que são fundamentais para que se realize uma boa reportagem.

A grande reportagem conta uma história, que deverá ser transmitida de forma clara e com toda a veracidade. A criatividade irá permitir captar a atenção do telespectador evidenciando-se assim de outras reportagens. O trabalho em equipa é, sem dúvida, muito importante para a realização de um bom produto final.

Através de uma breve análise a duas grandes reportagens, foi possível destacar a importância dos diferentes métodos utilizados para captar a atenção do telespectador. Técnicas de realização, edição e jornalísticas permitiram assim criar dois produtos originais que se destacam pela diferença nas técnicas utilizadas.

Numa breve análise a este trabalho, é possível defini-lo como coerente, interessante, profissional e totalmente focalizado para a grande reportagem, enquanto género que é muito importante mas que nem sempre é dominado por todos os jornalistas. Esse género específico não foi muito experimentado durante os anos de percurso académico, tendo realizado uma única grande reportagem sobre a prisão feminina de Santa Cruz do Bispo.

Os objectivos traçados aquando da opção de desenvolver um projecto de graduação sobre a Grande Reportagem em Televisão foram alcançados com o trabalho efectuado na análise teórica ao tema.

## **Bibliografia**

Barbeiro, Heródoto e Lima; Paulo, Rodolfo de (2002). *Manual de Telejornalismo. Os Segredos da Notícia na TV*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Boucher, Jean Dominique (2004). *Técnicas de Jornalismo. A Reportagem Escrita*. Paris: Editorial Inquérito.

Ganz, Pierre (s.d). *A Reportagem em Rádio e Televisão*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Garcia, Jaime Barroso (1996). *Realización de los Géneros Televisivos*. 1ª ed.; Madrid: Editorial Síntesis.

Jean-Luc Martin-Lagardette, num livro intitulado “Manual de escrita jornalística: escrevo – informo – convenço

Jespers, Jean – Jacques (1998). *Jornalismo Televisivo – Princípios e Métodos*. Coimbra: Editora Minerva.

Joaquim Letria - “Pequeno breviário Jornalístico: géneros, estilos e técnicas”,

Paternsotro, Vera Irís (1999). *O Texto na Televisão*. Editora Campus.

RABOY, Marc (1992) Les médias québécois :presse, radio, télévision, câblodistribution, p. 174 à 189. Total de 280 pages.

Ribes, José Prósper; Catalán, Celestino J.L (1998). *Elaboración de Noticias y Reportajes Audiovisuales*. Valencia: Fundación Universitária San Pablo C.E.U

Sousa, Jorge Pedro (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Squirra, Sebastião (1993). *Aprender Telejornalismo*. 2ª ed. Editora Brasiliense.



## **Anexos**

RTV – Regiões Televisão  
Reportagem Extra

Título: A FORTIORI  
Subtítulo: "Por maioria de razão"

TEXTO OFF

"Por maioria de Razão" é o lema que define a missão e forma de actuar do Corpo de Intervenção da Polícia de Segurança Pública... Uma força de elite composta por Homens escolhidos a dedo com as melhores aptidões físicas e psicológicas... só os melhores conseguem integrar esta unidade especial...

- ( Imagens)

Especial pela sua capacidade de intervenção mas também pelos homens que a compõem... aqui valoriza-se a força e a boa condição física mas também a psicológica e a ligação com os colegas de trabalho... Unidos formam um só corpo... O corpo de intervenção da PSP...

Cap 0717\_000 (0054) - Vivo: 01:30:26:17 - 01:30:53:23

Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto

" Em primeiro lugar para fazer parte desta equipa antes do espírito (...) receber telefonema e estar aqui num curto prazo de tempo para trabalhar"

Uma força preparada para intervir em vários cenários... desde acções de manutenção e reposição da ordem pública... ao combate a situações de violência concertada... passando também pela estreita colaboração com outras forças policiais na manutenção da ordem, na acção contra a criminalidade violenta e organizada...

Uma disponibilidade total para o serviço deixa adivinhar que estes homens têm uma estreita ligação a este grupo...

Cap 0716\_003 (0013) - Vivo: 16:38:30:00 - 16:39:25:08

Oráculo: Marcelo Oliveira - Operacional do CI " Existe uma velha máxima que nos faz ter motivação lá fora (...) Este tipo de sentimento nesta casa"

Cap 0718\_000 (0003) - Vivo: 06:39:31:23 - 06:40:04:02

Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto

" O importante é haver um equilíbrio entre o que temos necessidade de fazer (...) tentamos resolver extra serviço e sempre da melhor forma"

Uma família que tentamos descobrir durante uma semana....  
acompanhamos a preparação física e psicológica destes homens prontos a intervir em qualquer situação...

As manhãs começam com os treinos diários e preparação física.... manter o corpo em forma é importante... para fazer face à violência... mas também para impor algum respeito... No meio do grupo destaca-se António Moça... considerado o homem mais forte...

Cap 0717\_000 (0031) - Vivo: 01:10:12:08 - 01:10:38:09 flash 01:10:47:08

Oráculo: António Moça - Agente principal do CI - " Este corpinho não foi ganho aqui (...) 90% é ganho lá fora" flash " Sim eu pratico lá fora power lifting (...) provas para o Homem mais Forte e continuo a competir em power lifting"

É importante manter a forma e treinar vezes sem conta os gestos que diariamente têm de pôr em prática... Incansáveis... fazem e tornam a fazer os mesmos gestos que poderão salvar muitas vidas mas também as suas próprias vidas...

Cap0717\_000 (0051) Vivo: 01:22:30:00 - 01:23:17:03

Oráculo: Sérgio Castro - Comandante do 3º Subgrupo do Destacamento

" Estamos a treinar técnicas de defesa (...) tentar melhorar e tornar mais simples a nossa actuação"

- (Imagens)

O uso da taser, ou arma eléctrica está integrado nestes treinos... é importante os homens sentirem no próprio corpo as consequências desta arma que permite através de uma descarga eléctrica, que provoca dor e imobilização total e temporária do suspeito, neutralizar de forma eficaz e sem provocar lesões... ( Imagens do Marcelo)

Para além destes treinos diários são organizados simulacros que põem em cena várias situações de perigo nas quais os agentes operacionais têm de intervir... Técnicas de intervenção, tácticas e estratégias treinadas à exaustão...

- Simulacro da manifestação e refém com Cap0716\_003 vivo: 16:15:51:12 - 16:17:35:17

Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto

( ver se resulta)

Conquistar confiança é o resultado que se espera com estes treinos... para tornar mais fácil e eficiente a intervenção no terreno...

Cap 0717\_000 (0054) - Vivo: 01:36:15:15 - 01:32:54:09

Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto

" Nos últimos anos fomos progredindo (...) menos danos às pessoas sobre as quais estamos a intervir."

Para além dos homens, os cães também fazem parte desta família... considerados autênticos polícias eles são por vezes a primeira arma a ser utilizada...

Cap0717\_003(0005) Vivo: 06:10:06:21 - 06:10:34:19

Oráculo: António Martins - Brigada Cinotécnica

" Eu costumo dizer que os cães na polícia (...) isso é de extrema importância."

No meio da violência os guerreiros criam laços e aquela que deveria ser a sua segunda casa passa muitos vezes para primeiro lugar.... (alternar imagens violentas (Simulacro casa montanha) , fortes com som dos homens com as entrevistas a falar da própria família)

Cap0716\_003(0009) Vivo: 16:24:05:05 - 16:24:11:12

Oráculo: Manuel Martins - Subcomissário do CI

"Não é fácil a separação das 2, temos a consciência de que temos (...) como disse isso não é fácil"

(?) Cap0716\_003(0013) Vivo: 16:40:00:22 - 16:41:29:07

Oráculo: Marcelo Oliveira - Operacional CI

"É uma hipocrisia dizer que não se leva trabalho para casa (...) em mais nada nem na própria família"

Cap0717\_003(0005) Vivo: 06:13:10:09 - 06:13:33:11

Oráculo: António Martins - Brigada Cinotécnica

"Claro que sim, há situações em que me lembro da família (...) esse carinho no conforto da família."

Cap0718\_000(0004) Vivo: 06:43:36:14:00 - 06:43:51:02

Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto

" Pensar na família não, mas penso na família que vai comigo (...) todos novamente para a próxima"

Frases para acabar:

Cap0716\_003(0009) Vivo: 16:23:32:00 - 16:24:03:00 -  
Oráculo: Manuel Martins - Sub Comissário do CI  
" Isto é quase como uma chama que nos atrai"

Vivo: 06:14:00:12 - 06:14:09:04  
Oráculo: António Martins - Brigada Cinotécnica  
" É uma forma de estar na vida como costume dizer"

Cap0717\_000(0053) Vivo: 01:29:15:07 - 01:29:19:13  
Oráculo: Henrique Pinto - Agente Principal CI  
"Ser Guerreiro, aqui é só Guerreiros!"

Cap0718\_000(0003) Vivo: 06:39:15:21 - 06:39:18:20  
Oráculo: José Vieira - Comissário e Comandante do destacamento do CI Porto  
" Desejava nunca mais sair do CI"

Cap0717\_000(0051) Vivo: 01:21:38:08 - 01:21:48:08  
Oráculo: Sérgio Castro - Comandante do 3º Subgrupo do Destacamento  
"Se falharmos, falhamos todos, se a missão correr bem, correu bem para todos e se eventualmente morrermos, morremos todos"

Jornalista: Clara Araújo Teixeira

Imagem: Jorge Silva / Clara Araújo Teixeira